



MARCAS DO PÓS-COLONIALISMO NO CONTO *LOS MENSÚ*, DE HORACIO QUIROGA.

STAHL, Scheila¹

RESUMO: Este estudo apresenta uma análise do conto *Los mensú* (1914), de Horacio Quiroga, a fim de localizar em sua narrativa e na representação de suas personagens a herança da época colonial em um período conhecido como pós-colonialismo, onde se acredita que alcançada a independência das metrópoles, as ex-colônias desfrutaram de soberania econômica e cultural, o que não se cumpre ao analisarmos a literatura produzida, neste caso, na Argentina de fins do século XIX e início do século XX. Este estudo objetiva também analisar uma das temáticas da obra do escritor Horacio Quiroga não muito difundida entre seus leitores, especialmente entre os que vivem na região da tríplice fronteira Brasil, Argentina e Paraguai. Muitos de seus relatos ambientados na selva de Misiones apresentam temáticas de denúncia social que fazem parte do contexto histórico desta região, porém estes relatos não costumam ser analisados sob esse viés, ou seja, a relação entre a literatura e a análise comparada à história e sociologia. O estudo do conto *Los mensú* está pautado nos conceitos da Literatura Comparada a fim de verificar a presença de dois espaços na vida destes trabalhadores que dão nome ao conto: o campo, representado pela selva missioneira, e a cidade, representada pela capital Posadas.

PALAVRAS-CHAVE: Horacio Quiroga; conto; pós-colonialismo; modernidade.

RESUMEN: Este estudio presenta un análisis del cuento *Los Mensú* (1914), de Horacio Quiroga, con el fin de localizar en su narrativa y en la representación de sus personajes la herencia de la época colonial, en un período conocido como postcolonialismo, donde se cree que lograda la independencia de la metrópoli, las antiguas colonias disfrutaron de soberanía económica y cultural, lo que no se cumple mediante el análisis de la literatura producida en este caso en la Argentina a finales del siglo XIX y principios del siglo XX. Este estudio también tiene como objetivo examinar uno de los temas de la obra del escritor Horacio Quiroga no generalizada entre sus lectores, especialmente los que viven en la triple frontera de Brasil, Argentina y Paraguay. Muchas de sus historias ambientadas en la selva de Misiones cuentan con temas de protesta social que forman parte del contexto histórico de la región, pero estos relatos no suelen analizar desde este ángulo, es decir, la relación entre la literatura y el análisis comparativo de la historia y la sociología. El estudio del cuento *Los mensú* está basado en los conceptos de Literatura Comparada con el fin de verificar la presencia de dos espacios en la vida de estos trabajadores que dan nombre a la historia: el campo, representado por la selva misionera, y la ciudad, representada por el capital Posadas.

PALABRAS CLAVE: Horacio Quiroga; cuento; postcolonialismo; modernidad.

INTRODUÇÃO

A literatura de Horacio Quiroga, situada historicamente no contexto de início do século XX e geograficamente em um ambiente de fronteira entre territórios ainda jovens, cujos habitantes buscavam, além de crescimento econômico, liberar-se das amarras do período colonial, aborda questões que envolvem primordialmente as relações entre o homem e a natureza, em níveis próximos, porém antagônicos em certos aspectos. Antagônicos, pois em sua narrativa o leitor não encontrará apenas a luta entre homem e natureza, mas encontrará, sobretudo, contos que ajudaram a contar a história local de Misiones, ambiente constante na vida e na obra do escritor.

Neste estudo será analisado o conto *Los mensú* (1914), com o objetivo de detectar as marcas pós-coloniais latentes em países que foram outrora colônias e que, mesmo após a conquista da independência, continuaram e continuam a conviver com uma herança difícil de ser apagada. Desta forma, objetiva-se apresentar as múltiplas faces da literatura, afirmá-la como instrumento de construção histórica, e não apenas como meio de entretenimento, através deste texto de Quiroga, ilustrativo como tantos outros escritos por ele e que representam momentos formadores da identidade cultural desta região.

I. MÚLTIPLO QUIROGA

Horacio Quiroga (Salto, Uruguai 1878 – Buenos Aires, Argentina 1937), uruguaio de nascimento e argentino por opção, viveu também na região de Misiones, província do interior da Argentina, mais especificamente em San Ignacio, às margens do Rio Paraná e próximo às Ruínas Jesuíticas de San Ignacio Miní, região que conheceu no início do século XX. Detentora de características únicas, natureza exuberante, animais exóticos, de grandes proporções, um ambiente desafiador e nocivo ao homem que se atrevesse a desbravá-lo, a região selvagem encantou o jovem Quiroga que a habitou inclusive durante seus mais produtivos momentos de escrita. Inserido neste ambiente, o escritor observou e relatou em sua obra as questões peculiares da selva de Misiones e suas ações sobre o homem, as ações do homem para com a selva e também as ações do homem sobre o próprio homem que a habita.

O gênero mais expressivo ao longo de sua produção literária é o conto, o

que lhe rendeu críticas muito positivas e ainda a comparação a outros grandes contistas como Edgar Allan Poe, Rudyard Kipling e Anton Tchekov, os quais também fizeram parte de sua formação leitora. Além de escrever contos, Quiroga também teorizou sobre esse gênero literário, destacando-se o conhecido *Decálogo del perfecto cuentista* (1927), onde aponta alguns critérios que devem ser considerados por aqueles que desejam aventurar-se pelos caminhos da narrativa curta.

Além de escritor, Horacio Quiroga foi também professor, fotógrafo, juiz de paz, dedicou-se ao cultivo de erva-mate e outros pequenos plantios, à mecânica, construiu suas próprias ferramentas e ergueu, em meio à selva de Misiones, sua casa, a casa que habitou e que fora transformada em museu.

1.1 CONTOS QUIROGUIANOS – *LOS MENSÚ*

O conto *Los mensú*, publicado na revista *Fray Mocho* de Buenos Aires, em 1914, é considerado uma das principais obras da literatura argentina a retratar a temática que dá nome ao conto, além de ganhar uma versão cinematográfica filmada em 1987. O conto *Los mensú* está ambientado na região de Misiones, província argentina, situada a noroeste do país, tendo como vizinhos o Paraguai a oeste, de quem está separada pelo Rio Paraná, e o Brasil a leste, norte e sul por meio de rios como o Rio Iguaçu. Misiones representa o interior do país e uma pequena porcentagem do território argentino, cuja capital é a cidade de Posadas, que encabeça a lista das principais cidades desta província. Posadas é a cidade mais povoada de Misiones, é o centro administrativo, comercial e cultural. Os *mensú*² são os trabalhadores das *obrajes*³, situadas nas fazendas produtoras da erva-mate ou extratoras de madeira e esporadicamente têm contato com a vida urbana. A trama deste relato, escrito por Quiroga no início do século passado, envolve a rotina de dois peões de *obraje* no interior da Argentina, local identificado pelo autor através da menção ao Rio Paraná e à cidade de Posadas. Em poucas palavras, a vida de um *mensú* se resume em ser contratado por um determinado período e a determinado valor, pago parte em efetivo e parte em gastos que serão realizados no armazém da própria fazenda que o contratou, gerando um ciclo de dependência com o patrão que o explora duplamente.

2. SÉCULO XX: MODERNIDADE COLONIZADA

O período de independência do território que hoje constitui a República

Argentina data das primeiras décadas do século XIX, período de outros conflitos não apenas no Novo Mundo, mas também em alguns países da Europa. No então chamado Novo Mundo, a América, muitos povos além dos que habitavam a atual Argentina lutaram por sua libertação da metrópole, predominantemente espanhola, nesse mesmo período. O século XIX merece destaque ao considerar que ao longo desse milênio surgiram grandes invenções da era moderna em diferentes áreas do conhecimento, tais como a criação da bateria elétrica Auguste Comte afirma que é possível estudar a sociedade segundo o viés da Sociologia, assim como a invenção do telégrafo e da fotografia, além de novas teorias e descobertas que vieram à tona naquele momento, além das expressões artísticas como o Romantismo, que encontraram neste um período muito fértil.

O triunfo da independência, porém, não foi “o salvador da pátria” nem na região argentina e tampouco para a história de outros territórios outrora em situação de colônia. O sistema colonial como representante de uma ideologia oculta da modernidade, projeta sobre os povos colonizados três conceitos cuja carga semântica julga-se positiva:

‘civilización’, ‘desarrollo’, ‘democracia’ –y nunca se usa la palabra ‘colonización’, incluso cuando se la ve como el paso necesario para acercar el Bien a pueblos que lo desean y se lo merecen. [...] La colonización es algo que no puede evitarse si se desea ‘llevar’ la prosperidad, la democracia y la libertad al mundo (MIGNOLO, 2003, p. 106).

O colonialismo na América foi ao mesmo tempo de “exploração e povoamento”, segundo Jean-Paul Sartre em Prefácio escrito em 1961 para o livro de Frantz Fanon, *Os condenados da Terra* (1979, p. 6), onde assevera que

Numa palavra, o Terceiro Mundo se descobre e se exprime por meio desta voz. [...] nele se encontram ainda povos subjugados, outros que adquiriram uma falsa independência, outros que se batem para conquistar a soberania, outros enfim que obtiveram a liberdade plena mas vivem sob a constante ameaça de uma agressão imperialista. Estas diferenças nasceram da história colonial, isto é, da opressão. Aqui a Metrópole contentou-se em pagar alguns feudatários; ali, dividindo para reinar, fabricou em bloco uma burguesia de colonizados, mais além matou dois coelhos de uma só cajadada: a colônia é ao mesmo tempo de exploração e povoamento. Assim a Europa multiplicou as divisões, as oposições, forjou classes e por vezes racimos, tentou por todos os meios provocar e incrementar a estratificação das sociedades colonizadas. Fanon não dissimula nada: para lutar contra nós, a antiga colônia deve

lutar contra ela mesma.

Ao considerar tal formulação, podemos constatar que esse período que marcou o fim do colonialismo deu início a um novo processo, conhecido como pós-colonialismo justamente por apresentar o desenrolar da evolução das ex-colônias sob o pretexto da falsa independência. Falsa, pois como afirmou Sartre, com a saída da representação imperial dos territórios antes ocupados como colônias, o que sobrou foi uma geração de *criollos*, filhos de europeus nascidos na América e que deram continuidade ao processo de exploração humana e territorial, privilegiando como antes as divisões de classe, especialmente entre a burguesia, detentora do capital, da terra, do conhecimento, e a massa trabalhadora explorada, inclusive os nativos.

Nesse contexto ganha forma o conjunto de teorias que engloba a política, a filosofia, a sociologia, a arte e especialmente a literatura. Esse conjunto de teorias que configuram os estudos pós-coloniais, tem por objetivo analisar a repercussão das ações coloniais que marcaram a história dos países que foram colônias, dando especial ênfase à produção literária destes. No artigo *Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial* (2006), Sérgio Costa assim define os estudos pós-coloniais:

Os estudos pós-coloniais não constituem propriamente uma matriz teórica única. Trata-se de uma variedade de contribuições com orientações distintas, mas que apresentam como característica comum o esforço de esboçar, pelo método da desconstrução dos essencialismos, uma referência epistemológica crítica às concepções dominantes de modernidade. [...] a perspectiva pós-colonial teve, primeiro na crítica literária, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, a partir dos anos de 1980, suas áreas pioneiras de difusão. Depois disso, expande-se geograficamente e para outras disciplinas, fazendo dos trabalhos de autores como Homi Bhabha, Edward Said, Gayatri Chakravorty Spivak ou Stuart Hall e Paul Gilroy referências recorrentes em outros países dentro e fora da Europa.

Em relação ao conto *Los mensú*, de Horacio Quiroga, as marcas pós-coloniais encontradas na narrativa apresentam a apropriação da terra pelos colonos, geralmente descendentes dos europeus colonizadores e que compactuam das mesmas ideias de dominação, em oposição à exploração da mão de obra de nativos e imigrantes. Esta é a herança da ex-colônia, independente do Império espanhol, porém subordinada aos desmandos daqueles que historicamente herdaram o poder sobre a terra e sobre o seu semelhante. É esta a situação dos peões da narrativa quiroguiana, que não representam a minoria exploradora, mas sim a maioria explorada. Vejamos um trecho do conto que nos apresenta as personagens subjugadas pelo domínio do patrão ou do capataz da fazenda (QUIROGA, 1997, p. 83):

- ¡Otra vez, vos! – ló recibió el mayordomo. Eso no anda bien... ¿No tomaste quinina?
- Tomé... no me hallo con esta fiebre... No puedo ni con mi hacha. Si querés darme para mi pasaje, te voy a cumplir en cuanto me sane...

El mayordomo contempló aquella ruina, y no estimó en gran cosa la vida que quedaba en su peón.

- ¿Cómo está tu cuenta? – preguntó otra vez.

- Debo veinte pesos todavía... El sábado entregué... Me hallo enfermo grande...

- Sabés bien que mientras tu cuenta no esté pagada, debés quedarte. Abajo... te podés morir. Curate aquí, y arreglás tu cuenta en seguida.

¿Curarse de una fiebre pernicioso, allí donde se la adquirió? No, por cierto; pero el mensú que se va puede no volver, y el mayordomo prefería hombre muerto a deudor lejano.

Após descrever a rotina desses *mensú* na *obraje*, destacando o momento que um deles percebe estar doente e o tratamento que recebe por parte do capataz, as personagens abandonam a fazenda e são caçadas como animais pelos opressores, patrão e capataz. Os *mensú* fogem pela mata com o objetivo de chegar ao Rio Paraná, no caminho, em função de doença contraída na *obraje*, um dos homens não resiste e morre, mas seu companheiro de trabalho, de embriaguez e de fuga consegue chegar ao rio e assim voltar à Posadas, onde acredita estar livre da vingança do patrão. Esse tipo de violência do homem contra o próprio homem está descrita por Sarte (In: FANON, 1979, p. 9) da seguinte maneira:

A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados: procura desumanizá-los. [...] é preciso embrutecê-los pela fadiga. Desnutridos, enfermos, se ainda resistem, o medo concluirá o trabalho: assestam-se os fuzis sobre o camponês; vêm civis que se instalam na terra e o obrigam a cultivá-la para eles. Se resiste, os soldados atiram, é um homem morto; se cede, degrada-se, não é mais um homem; a vergonha e o temor vão fender-lhe o caráter, desintegrar-lhe a personalidade.

A violência pós-colonial pode ser comprovada logo no início do conto, quando o narrador apresenta ao leitor o aspecto físico em que se encontram os *mensú* após regressar da selva à cidade (QUIROGA, 1997, P. 77):

Flacos y despeinados, en calzoncillos, la camisa abierta en largos tajos, descalzos como la mayoría, sucios como todos ellos, los dos mensú devoraban con los ojos la capital del bosque, Jerusalem y Gólgota de sus vidas. ¡Nueve meses, allá arriba! ¡Año y medio! Pero volvían por fin, y el hachazo aún doliente de la vida del obraje era

apenas un roce de astilla ante el rotundo goce que olfateaban allí.

Este fragmento representa a violência, a exploração já praticada pelo patrão e seu capataz, e o resultado é praticamente a indignância dos sujeitos envolvidos. Resultado este que o leitor não encontra verbalizado de imediato, mas que vai descobrindo ao longo da leitura, da mesma forma como aconteceu no período de exploração da madeira e da erva-mate, quando o trabalhador era contratado sem ao menos saber para onde seria enviado, cada passo seria uma surpresa, uma descoberta do que lhe aconteceria na nova contratação.

Cabe analisar também o caminho contrário da violência colonial presente no período pós-colonial: a violência que alimenta e deseja praticar aquele que é explorado. A violência é uma característica inerente ao ser humano e acompanha a própria história e evolução deste. Basta lembrar passagens bíblicas que citam o vocábulo ou descrevem cenas violentas já no primeiro livro da Bíblia, o *Gênesis*. Mesmo sem analisar o trabalho de estudiosos que se dedicaram ao tema, podemos afirmar que atos violentos são uma constante em nossas vidas, mesmo no contexto da pós-modernidade. Ao refletir sobre o conto de Quiroga, situado temporalmente no início do século passado, considerável parte dos acontecimentos históricos foram marcados pela violência. Temos assim, por exemplo, a violência partindo daqueles que detinham maior poder econômico contra aqueles que não o possuíam. Nesse aspecto se encaixam as relações patrão *versus* trabalhador, que em *Los mensú* estão representadas pelo peão, o *mensú*, que, cansado dos desmandos e maus-tratos do patrão, nutre sentimentos de raiva, revolta, angústia e deseja sair de sua condição de explorado. Como este desejo do trabalhador não faz parte dos planos do patrão surge o confronto, verificável na narrativa em questão, quando Podeley, o *mensú* que adoeceu, resolve fugir da fazenda para tentar curar-se na cidade, sem o aval do patrão, que alegava que um peão só pode deixar aquele espaço após concluir o serviço para o qual fora contratado, além de quitar sua dívida no armazém. Como Podeley ignora as regras do explorador e Cayé, o *mensú* que gastou além do que deveria no ato de contratação na cidade, também ignora tais regras e resolvem fugir, tem início a perseguição que logo se transformará em ato de violência, comparável à caça de um animal (QUIROGA, 1997, p. 84):

La decisión de huir y sus peligros – para los que el mensú necesita todas sus fuerzas – es capaz de contener algo más que una fiebre perniciosa. El domingo, por lo demás, había llegado; y con falsas maniobras de lavaje de ropa, simulados guitarreos en el rancho de tal o cual, la vigilancia pudo ser burlada, y Podeley y Cayé se encontraron de pronto a mil metros de la comisaría.

Os dois peões se aventuram pela mata missioneira e a princípio parece que a fuga transcorre calmamente para, no momento seguinte, perceberem que já foram descobertos e que estão sendo procurados pelo capataz e outros peões da fazenda (QUIROGA, 1997, p. 84-85):

- ¡A la cabeza! ¡A los dos!

Y un momento después [...] surgían corriendo el capataz y tres peones. La cacería comenzaba.

Cayé amartilló su revólver sin dejar de huir.

- ¡Entregáte, añá! – gritóles el capataz desde atrás.

[...]

Una gritería aguda respondióles, mientras otra bala de winchester hacía saltar la corteza del árbol que ocultaba a Cayé.

- ¡Entrégate o te voy a dejar la cabeza...!

[...]

Los perseguidores, detenidos un momento por las explosiones, lanzáronse rabiosos adelante, fusilando, golpe tras golpe de winchester, el derrotero probable de los fugitivos.

[...]

El peligro había pasado. Los fugitivos se sentaron, rendidos.

A distância do capataz que se convertera em caçador de homens não simboliza a ausência de violência, apenas a transforma, ela assume na narrativa uma máscara, todavia violenta, ainda resultado da exploração. Os *mensú*, após breve descanso, constroem uma embarcação, espécie de jangada, com a qual pretendem seguir fugindo, não mais pela mata, mas pelo rio, o Rio Paraná. A jangada precariamente construída, aos poucos se desintegrava devido à força das águas. Cayé e Podeley ficaram submersos até o peito antes de encontrarem uma porção de terra a qual mal puderam alcançar para agarrar-se ao capim e não serem levados pelo Paraná. Chovia muito, os dois continuavam dentro d'água e Podeley "quedó inmóvil para siempre en su tumba de agua" (QUIROGA, 1997, p. 87).

Nesse momento da narrativa se dá outro tipo de violência herdada do período colonial: a falta de direitos humanitários revelada no momento em que o trabalhador não pode buscar ajuda médica em caso de doença e acaba morrendo, refém de um sistema que o explora sem escrúpulos, que exige que ele pague a conta do armazém antes de deixar a fazenda em busca de tratamento. Cabe ressaltar que a dívida do armazém também simboliza a dominação e exploração desses homens que são obrigados a consumir os produtos do local, em geral mais caros que em outros

estabelecimentos, procedimento que enriquece ainda mais o patrão.

Cayé, que sobrevive, julga-se vitorioso, vingado, quando na verdade sofreu e continuará sofrendo as consequências da violência colonial, pois estará novamente inserido no círculo vicioso da exploração da erva-mate ou da madeira e, por consequência, a sua exploração, e passará novamente por todas as fases da contratação até a necessidade de uma nova fuga, na qual poderá lograr êxito, ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta análise percebemos que a obra de Horacio Quiroga é plural, possibilitando novas abordagens a partir do olhar de quem a lê. Ao discutir a temática da exploração humana, da violência gerada no período colonial presente no momento histórico do pós-colonialismo, encontramos elementos que permitem o reconhecimento de características globais em uma narrativa considerada regional, além da abordagem da temática da violência resultante da exploração dos *mensú* em uma região em processo de desenvolvimento. Além destas questões, o conto de Quiroga propõe ao leitor uma releitura da formação do território americano, o Novo Mundo, e as nuances que se fazem presentes ao tentar o afastamento da metrópole, à qual permanece ligado através dos *criollos*, que dão continuidade à “colonização”, posto que são eles os detentores da terra e por consequência do poder econômico, o mandar e desmandar, pertence a eles.

É preciso ler a obra deste autor, considerado o pai do conto hispano-americano com olhar crítico, nas entrelinhas, buscando características na literatura que expliquem na sociedade o processo de dominação e exploração ainda latente no século XXI.

NOTAS

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Letras, nível de Mestrado, da UNIOESTE – campus de Cascavel-PR, linha de pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados.

² O termo *mensú* designa os indivíduos que se propunham a trabalhar braçalmente numa *obraje*.

³ A palavra *obraje* pode ser encontrada em alguns artigos acadêmicos publicados em meios eletrônicos e que apresentam conceitos tais como estabelecimento de exploração florestal na América.

REFERÊNCIAS

- ALVES-BEZERRA, Wilson. *Reverberações da fronteira em Horacio Quiroga*. São Paulo: Humanitas, Fapesp, 2008.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- COSTA, Sérgio. *Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial*. Rev. bras. Ci. Soc. vol.21 no. 60 suppl.60. São Paulo Feb. 2006
- COUTINHO, Eduardo. *Literatura comparada na América Latina*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.
- DUARTE, José. *Horacio Quiroga como escritor de frontera*. The University of Texas-Pan American. Hipertexto 1. Invierno 2005. pp. 116-120.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Imaginarios urbanos*. 2. ed. Eudebs: Buenos Aires, 1999.
- FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- NOVAES, Adauto. (Coord). *O olhar*. São Paulo, COMPANHIA DAS LETRAS, 1988.
- QUIROGA, Horacio. *Cuentos*. 10. ed. Edición de Leonor Fleming. Madrid: Cátedra, 2008.
- QUIROGA, Horacio. *Todos los cuentos*. 2. ed. Edición crítica coord. Napoleón Baccino Ponce de León y Jorge Laforgue. Madrid: Alca XX; São Paulo: Edusp, 1997.
- QUIROGA, Horacio. *Vozes da selva: 9 contos escolhidos*. Org. Pablo Rocca. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *Iniciação aos estudos literários: objetos, disciplinas, instrumentos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- WILLIAMS, Raymond. *El campo y la ciudad*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2001.